

LINGUASAGEM

O PROTAGONISMO DO FALANTE NA (SOCIO)LINGUÍSTICA¹

Roberto Gomes Camacho²

RESUMO

Este texto discute como a teoria da linguagem passou a associar, ao formalismo das relações gramaticais, aspectos sociais da situação interacional. O modo como se pretende tratar do tema é dar, inicialmente, um breve registro de como uma linguística de ordem formal cedeu espaço, sem perder o seu próprio, para uma linguística social e, em seguida, tratar de como a sociolinguística, uma das tendências teóricas mais alinhadas com essa abertura para as relações sociais, acabou por identificá-las com práticas sociais e estilísticas sobrepujando a análise exclusiva de categorias primárias previamente estabelecidas. Do ponto de vista do falante, o percurso que se pretende trilhar é passar de um sujeito lógico e universal, abstraído das relações sociais, para um sujeito protagonista, que combina intencionalmente variáveis para criar modos distintivos de fala, ou práticas estilísticas, que fornecem a chave para a construção da identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística; Competência; Variacionismo; Estudos etnográficos; Comunidade de prática.

ABSTRACT

This text discusses how language theory began to associate social aspects of the interactional situation with the formalism of grammatical relations. The way we intend to address the issue is to initially provide a brief account of how formal linguistics gave way, without losing its own, to social linguistics and then to address how sociolinguistics, one of the theoretical trends most aligned with this openness to social relations, ended up identifying them with social and stylistic practices, overriding the exclusive analysis of previously established primary categories. From the speaker's point of view, the path we intend to follow is to move from a logical and universal subject, abstracted from social relations, to a protagonist subject, who intentionally combines variables to create distinctive modes of speech, or stylistic practices, which provide the key to the construction of identity.

KEYWORDS: Sociolinguistics; Competence; Variationism; Ethnographic studies; Community of practice.

Palavras iniciais

No geral, a dificuldade humana de reconhecer a variação parece ter uma base emocional primordial, arraigada na psique, que se traduz na memória de um castigo

¹ Este texto é uma versão modificada de Camacho (2022).

² Livre-Docente em Linguística pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Campus de São José do Rio Preto. Professor Sênior do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. E-mail: roberto.camacho@unesp.br.

ancestral contido no mito bíblico da Torre de Babel. Entende Chambers (1996, p. 209) que essa face obscura explica em grande parte por que as culturas ocidentais dispõem de numerosas instituições com a função primária de reduzir a diversidade linguística em favor da norma padrão³. Estão aí para provar os dicionários prescritivos, as gramáticas escolares, a mídia; enfim, as autoridades institucionalizadas.

O próprio sistema linguístico, por obra de seus usuários, sempre se ajusta para resolver a competição entre formas alternativas em busca da fixação de regras categóricas e, conseqüentemente, da eliminação da homonímia. Bolinger (1977) postula que é uma condição naturalmente intrínseca à linguagem preservar a biunivocidade em grau máximo para a relação entre forma e conteúdo.

A ideia abstrata dessa *disfuncionalidade* colada na diversidade é debitada por Chambers (1996) a relações de poder em situações diversas, cujo traço essencial - a desigualdade social e política dos participantes - é um fator crucial na interação.

Não é para menos que muitos eventos mundanos sugerem que as pessoas têm uma atração profundamente arraigada para a conformidade linguística. A estigmatização de certos traços dialetais, como o r-retroflexo da variedade caipira, parece ser uma clara tentativa de liquidar variantes implementadas por comunidades que usam uma variedade socialmente prestigiada.

Pessoas que se mudam de uma região dialetal para outra se acham frequentemente expostas ao ridículo por conta de seu sotaque e por isso, obrigadas a adaptar-se tanto quanto possível às normas da variedade local. Essa situação não tem outro significado social senão o de obrigar o recém chegado a curvar-se às preferências locais.

Esse valor sobre a linguagem desenvolvido no cotidiano é o mesmo que se observa nas estratégias dos membros da elite de instaurar a variedade que empregam como a correta em detrimento das variedades estigmatizadas. O modo de constituição que fortalece essa imposição normativa como instrumento de poder pode tomar a forma de dicionários, gramáticas prescritivas e guias de uso em que as preferências linguísticas de um segmento da comunidade são promulgadas como modelo de correção. A legislação que a promulga é o modo como ela é imposta como norma padrão em aparelhos de controle do estado, como governo, meios de comunicação e educação.

³ Adota-se aqui o mesmo critério formulado por Bagno (2003) para distinguir a norma padrão da variedade de prestígio e das variedades estigmatizadas, considerada por ele um construto sócio-histórico que nada tem a ver com a própria variedade de prestígio, entendida como o uso real de pessoas cultas de comunidades urbanas.

A negação de conflitos na área da linguagem parece estar de acordo com a negação de conflitos sociais em geral, gerada por fatores de ordem histórica, sociocultural e étnica.

Não é, entretanto, exclusivamente no âmbito da fixação e da defesa de uma norma padrão, tomada como modelo prescritivo, que o processo ideológico tende a interferir no domínio da linguagem. A teoria linguística pode se basear, ela mesma, em certos valores fundamentais, que confinam com os limites do conteúdo ideológico e apresentar, nesse caso, um caráter curiosamente normativo, ainda que o rejeite por princípio.

Se procurarmos avaliar o grau de contribuição que deu a linguística para mudar a concepção normativa, os resultados da busca não ultrapassam a linha do já desgastado critério de cientificidade, mediante o qual é comum opor a linguística à gramática normativa sobre a base da dicotomia descritivismo x prescritivismo. E, com efeito, no âmbito das correntes teóricas mais bem sucedidas do século XX, a ideia de língua corresponde ao mesmo fenômeno homogêneo, fechado em si mesmo, imutável e desligado do contexto social que propõem para si as instituições responsáveis pelo ensino da língua materna.

A sociolinguística deu uma contribuição significativa para romper essa corrente epistemológica e, sobretudo, a chamada sociolinguística variacionista representou, nos anos 60, uma ruptura significativa com o tipo formalista de tratamento teórico mediante a introdução do conceito de variável linguística. Mais especificamente, esse enfoque passa pelos procedimentos heurísticos de análise da variação e, por conseguinte, da relevância dos mecanismos internos, para equacioná-la a uma teoria da linguagem, e a mecanismos externos, para equacioná-la a uma teoria da sociedade.

De um modo geral essa posição foi motivada por um dos princípios mais relevantes, dentre os já defendidos pela linguística descritiva do início do século XX: o de que nenhum dialeto, ou variedade dialetal, é inerentemente superior a qualquer outro similar como meio de exposição, de narração, de comunhão fática ou de qualquer outro tipo de comunicação verbal.

Levando avante esse postulado de grande abrangência social, a sociolinguística, inspirada em grande escala pelo trabalho pioneiro de William Labov, incrementou, nas últimas três décadas, uma nova compreensão da natureza ao mesmo tempo variável e mutável da linguagem. Ativou também o reconhecimento do caráter regular e sistemático da heterogeneidade mediante um conjunto de estudos empíricos, de natureza quantitativa com foco na língua em uso no contexto social.

Com base nesse quadro epistemológico, este texto discute como a teoria da linguagem passou a associar, ao formalismo das relações gramaticais, aspectos sociais da situação interacional, ou seja, como uma linguística de ordem formal cedeu espaço, sem perder o seu próprio, para uma linguística de ordem social. Quanto à sociolinguística, uma das tendências teóricas mais alinhadas com a abertura para as relações sociais, pretende-se examinar, nesse âmbito historiográfico, a identificação mais recente da variação com práticas sociais e estilísticas, permitindo, portanto, ultrapassar uma análise baseada quase exclusivamente em categorias primárias pré-estabelecidas, de natureza social, como classe, sexo/gênero, idade, escolaridade etc. O percurso que se pretende trilhar inclui a ultrapassagem de um falante, entendido como um sujeito lógico e universal, abstraído das relações sociais, para um sujeito protagonista, que combina intencionalmente variáveis para criar modos distintivos de fala, ou práticas estilísticas, que fornecem a chave para a construção da identidade.

Este texto está organizado da seguinte maneira: a primeira seção discute o ponto de vista que projetou um idealismo neoplatônico na concepção do objeto da linguística; a segunda seção dá um breve tratamento à abertura da linguística ao social; a terceira seção trata de três ondas de prática sociolinguística; a quarta seção discute o aproveitamento da prática estilística como indício da construção de identidade com base em dados de concordância nominal; as considerações finais trazem algumas generalizações e implicações teóricas sobre o estatuto epistemológico da linguística.

O idealismo platônico na concepção do objeto da linguística

Um dos princípios que têm caracterizado a linguística contemporânea como uma disciplina científica consiste na necessidade de estabelecer uma seleção entre os fenômenos da realidade passíveis de descrição. O argumento retórico comumente empregado para assegurar a aplicação desse postulado se fundamenta no paradoxo de base segundo o qual toda descrição é necessariamente finita em face do objeto de estudos, suscetível de se apresentar infinitamente complexo.

Como fenômeno complexo e, portanto, multifacetado, a linguagem seria plenamente suscetível de ser validamente descrita pelo físico, pelo fisiologista, pelo psicólogo, pelo sociólogo e por outros investigadores das mais diversas áreas de estudo. No entanto, seria perfeitamente possível isolar um enfoque unicamente linguístico e

distingui-lo dos demais enfoques, com base na projeção de um ponto de vista bem determinado sobre os fatos da linguagem.

Ao buscar um objeto de estudos bem delimitado e definido, Saussure (1977 [1916]) idealiza a criatura no próprio ato de criação. A *língua* saussuriana é, em última análise, uma essência, que representa exatamente a subordinação do objeto a uma determinada perspectiva metodológica. Ao distinguir a língua da fala, Saussure (1977 [1916]) separa o que é geral e social do que é particular e exclusivamente individual. Esse gesto nítido de idealização, que se completa na noção de sistema, cria um objeto científico apartado da rede de relações sociais que constitui o discurso. Separando, além disso, o que é essencial, interno ao sistema linguístico, do que é acessório e acidental, próprio do discurso e externo ao sistema, Saussure cria um objeto de estudos de natureza estritamente linguística.

Essa interpretação relacional do sistema tem uma importância fundamental para a história recente da linguística, já que sua elaboração teórica e sua implementação metodológica conduziram ao estruturalismo. Por um lado, o conceito de estrutura, derivado da noção de sistema, apresenta um valor puramente teórico, ao identificar a natureza formal, relacional e opositiva da língua; por outro, a dimensão operacional da noção de sistema, transformada em procedimento rigoroso de análise e descrição, acaba por resultar no próprio método estrutural, que, depois, contaminou, para o bem ou para o mal, as ciências humanas como um todo.

Mais tarde, no final da década de 50, Chomsky provoca uma ruptura no pensamento estrutural, mas não necessariamente no que se refere à delimitação do objeto. Chomsky (1975) concorda explicitamente com o critério saussuriano de delimitar o que é ou não abordável pela ciência da linguagem, ao afirmar que a idealização do objeto coincide com a “posição dos fundadores da moderna linguística geral, e nenhuma razão convincente foi alguma vez proposta para a modificar” (Chomsky, 1975, p. 83). O corte que projeta sobre os fenômenos empíricos complexos está na suposição de que o objeto de estudo depende da existência de um falante-ouvinte ideal, situado numa comunidade linguística completamente homogênea (Chomsky, 1975).

A posição de Chomsky, que, em vários aspectos, revolucionou a teoria da linguagem, pouco difere da concepção saussuriana, no que se refere exclusivamente à delimitação do objeto. A idealização operada por Saussure se completa com a noção de objeto de estudos desenvolvida por Chomsky, centrada na competência em oposição ao desempenho.

Alinhando-se a Bagno (2011), é possível afirmar que o idealismo chomskyiano mal esconde uma nova atitude platônica, mas destinada, agora, a postular não entidades virtuais de um mundo social, como o faz Saussure, mas de uma psicologia cognitiva, que separa o que se processa na mente do falante, a competência, e o que se expressa concretamente na realização falada, o desempenho. Como os conceitos de alofone e de fonema do estruturalismo, os de estrutura superficial e estrutura profunda convocavam os linguistas para ver entidades mais virtuais que reais como verdadeiros objetos de estudo.

A atividade real e concreta de linguagem, e que de fato a constitui como fenômeno observável, foi mantida no exterior dos limites do objeto de estudos, sob o nome não mais de fala, mas de desempenho, e seu enfoque só seria possível a partir do esclarecimento das regras da competência. Nesse caso específico, o falante é identificado como o sujeito cartesiano, lógico e universal, abstraído das relações sociais que estabelece com seu interlocutor no processo de interação verbal.

Em suma, para as duas tendências formais, a linguagem humana se reduz a um sistema estável, imutável, de formas linguísticas submetidas a uma norma e as leis que governam esse sistema estável são especificamente linguísticas, internas, por estabelecerem ligações entre signos, formas e relações no interior de um sistema fechado (Bakhtin/Voloshinov, 1979 [1929]).

Bakhtin/Voloshinov dá suporte para a afirmação de que, ao espírito cartesiano, orientado para a matemática, não é a relação do signo com a realidade que interessa, mas a relação do signo com outro no interior de sistemas fechados. A história, deixada para segundo plano por Saussure, é, portanto, um domínio irracional que corrompe a pureza lógica do sistema, cujas unidades linguísticas são os signos matemáticos (Bakhtin/Voloshinov 1979 [1929]).

O paradigma estrutural e o gerativo só dão conta do objeto construído a partir de um ponto de vista idealista, ignorando a realidade empírica do fenômeno observado, cuja natureza inerentemente social permanece, assim, parcialmente obscurecida. Quer se trate de uma, quer se trate de outra abordagem, exclui-se a condição central que, segundo Bakhtin/Voloshinov, caracteriza a linguagem: a enunciação concreta em função de um contexto socialmente amplo e organizado e numa circunstância bem determinada, que relacionam os interlocutores e identificam seus papéis.

O advento da sociolinguística: abertura da linguística ao social

A Sociolinguística representou um dos principais esforços para romper com o recorte idealista nos fenômenos da linguagem ao considerar a heterogeneidade como princípio constitutivo da linguagem. Mais importante ainda que isso, a alternativa teórica, introduzida por Labov (2008 [1972]), para resolver os problemas de estrutura linguística, identificou o fenômeno empírico, coletado na comunidade de fala, como a base sobre a qual se deve apoiar o substrato concreto de análise, operando uma diluição, diga-se assim, de dicotomias como língua/fala e competência/desempenho.

A Sociolinguística Variacionista, no âmbito específico em que atua, se alinharia, assim, com as outras tendências não formalistas, no mesmo desejo de superar a parcialidade imposta ao objeto de estudos em razão de sua idealização. Principalmente em sua fase de implantação, a Sociolinguística Variacionista sustentava posições teórico-metodológicas que a distanciavam da tendência formalista, inclusive como um modelo alternativo.

Se esse alinhamento parecia estar claro no final da década de 60, os debates que envolveram a extensão da regra variável para a sintaxe, nos anos 70, encaminharam essa corrente mais para o polo formal do que para o funcional. O advento do conceito de regra variável, postulado por Labov (1969), promoveu alterações muito significativas na interpretação do conceito de variação. Em essência, o conceito de regra variável expandiu e redefiniu a noção de opcionalidade da teoria gerativa para incluir restrições internas e externas em sua natureza variável.

Labov (1969) adotou o formalismo da gramática gerativa para representar esse tipo de processo de variação, incluindo inovações na regra de reescrita da fonologia, como a adoção de colchetes angulares para se referir à variável dependente e expoentes gregos para indicar o grau de influência no uso de uma motivação sobre a outra. Para além da notação formal, essa representação acompanhou, na verdade, a tentativa de substituir a noção de regra opcional gerativista pela de regra variável.

Apesar de substanciais regularidades desenvolvidas com base no conceito de regra variável, ele entrou rapidamente no fogo cerrado da crítica, quando, na década de 1970, foi estendido aos fenômenos sintáticos com os mesmos métodos aplicados aos fonológicos e morfológicos.

Esse momento representou a primeira grande crise no estatuto metodológico da teoria variacionista em razão de forte reação, provocada por Lavandera (1978), Romaine (1981) e García (1985). O ataque de Romaine mirou o aspecto indutivo da teoria,

enquanto os de Lavandera e García, o estatuto teórico da regra variável, quando aplicada à sintaxe.

A polêmica entre Lavandera (1978) e Labov (1978) se resume à questão da real equivalência semântica entre duas variantes sintáticas. Na realidade, a noção de equivalência semântica implicaria uma redução muito drástica da noção de significado referencial, se a sociolinguística insistisse em manter o princípio de que duas formas alternativas são variantes, se representarem o mesmo valor de verdade no mesmo contexto de ocorrência. Em vez de operar com essa concepção extremamente limitada de significado, Lavandera (1978) propôs substituir o conceito de equivalência semântica pelo de comparabilidade funcional.

Esse postulado, contudo, não sensibilizou Labov (1987), que preferiu sustentar o princípio de equivalência referencial para o significado e reiterar o caráter formal das motivações para a variação e a mudança.

Labov (1987) concorda com os funcionalistas que há uma parte considerável do comportamento verbal sujeita ao controle consciente e à escolha deliberada. Esses fenômenos, contudo, não constituem, para ele, o principal componente da faculdade de linguagem e tem, por isso, influência relativamente reduzida no desenvolvimento de longo prazo da estrutura linguística. Afirmar, portanto, que “a sintaxe é autônoma e pode ser estudada separadamente da semântica e que a função contrastiva dos sons não determina o sistema fonológico e pode ser suspensa por algum tempo sem romper a ordem do sistema” (Labov, 1987, p. 313, tradução minha).

O coroamento desse postulado de autonomia, que se assentaria no caráter arbitrário das regras, e a natureza opaca da relação entre forma e função, acabam por identificar a Sociolinguística Variacionista mais com o formalismo clássico e suas dicotomias.

As variáveis são dependentes de fatores internos, ou sistêmicos, e externos, ou sociais, e o valor dos internos tem sempre maior peso explanatório que os externos. Segundo Bagno (2011), essa dicotomia revela uma dissociação entre entidades que deveriam ser vistas como uma coisa só, como parece, paradoxalmente, a diluição da diferença entre sistema e discurso, já que o objeto postulado é o da língua em uso no contexto social.

Nessa fase, a crítica mais grave dirigida à metodologia variacionista é justamente o esvaziamento do falante enquanto agente produtor de significado. Pretende-se fazer aqui uma avaliação desse assunto, com a convicção de que a solução está numa nova

tendência teórica, inaugurada por Eckert (2000), que reveste o conceito de variável linguística em nova roupagem, como o espaço privilegiado da construção do significado social da linguagem.

Para localizar com clareza essa avaliação, trata-se, a seguir, da reconstrução da trajetória da pesquisa sociolinguística dos últimos 40 anos, formulada pela própria Eckert (2005), que distingue três *ondas* de prática analítica.

A sociolinguística variacionista em três tempos

A primeira onda, iniciada pelo estudo de Labov sobre a cidade de Nova York (1966), estabeleceu, como já discutido aqui, uma base sólida para o estudo da variação, mediante o estabelecimento de correlações entre variáveis linguísticas e categorias sociais primárias. Essa fase, desenvolvida pela vertente variacionista, caracteriza-se, em resumo, pelos seguintes traços:

- (i) os estudos são realizados sobre levantamentos exaustivos em comunidades geograficamente delimitadas;
- (ii) a hierarquia socioeconômica constitui um mapa do espaço social;
- (iii) as variáveis são marcadores de categorias sociais primárias veiculando prestígio ou estigma social baseado em diferenças de classe;
- (iv) o estilo, determinado pelo grau de atenção à fala, é controlado pela orientação do falante a valores de prestígio e de estigma social (Eckert, 2005, p. 3, tradução minha).

Os padrões regulares e sistemáticos de covariação levantaram questões sobre a natureza das relações sociais subjacentes às categorias sociais primárias, o que provocou o surgimento da segunda onda, caracterizada por estudos etnográficos de populações definidas mais localmente.

Os estudos etnográficos enfocam comunidades menores por períodos relativamente longos, com o objetivo de descobrir as categorias sociais localmente mais salientes. Essas categorias podem ser instâncias locais das categorias primárias que guiam os estudos quantitativos da primeira onda, mas o traço distintivo crucial dessa perspectiva de análise é a descoberta do lugar dessas categorias na prática social local. Como se vê, há aqui um estreitamento da concepção do social.

Para Eckert (2005), a primeira trilha etnográfica da variação foi aberta por Labov no estudo realizado na ilha Martha's Vineyard. No enfoque etnográfico de Belfast, Leslie Milroy (1980) avançou-o mais ao focar comunidades de classe operária e examinar a relação entre engajamento nas relações locais e uso do vernáculo, correlacionando o uso de variáveis vernaculares locais com a densidade e a multiplicidade da rede de relações sociais do falante.

Eckert (2000) realizou também seus próprios estudos etnográficos, explorando a natureza da estratificação de classe entre adolescentes brancos na área suburbana de Detroit, para observar a relação entre a prática social desses grupos e o processo de mudança vocálica das cidades do Norte, que caracteriza o dialeto branco da área de Detroit. As oposições de classe acham-se articuladas nesse grupo de pares ao estabelecimento de duas categorias sociais, a dos *jocks* e a dos *burnouts*.

A oposição jock-burnout reflete hostilidade mútua, sustentada por uma grande variedade de indicadores simbólicos, como roupa, postura e movimento corporal, maquiagem, cabelo, território, uso de substâncias químicas, atividades de lazer, participação na escola, orientação urbana.

O que define, em resumo, a segunda onda são os seguintes traços distintivos:

- (i) representa estudos etnográficos de comunidades geograficamente definidas;
- (ii) as categorias locais constituem elos de categorias demográficas mais amplas;
- (iii) as variáveis operam como indicadores de categorias localmente definidas;
- (iv) o estilo atua como um ato de afiliação a uma determinada categoria social (Eckert, 2005, p. 15, tradução minha).

Nos estudos de variação, que identificam entidades geograficamente bem delimitadas, deve-se estabelecer um elo entre a experiência diária do falante individual e categorias abstratas como classe, gênero e etnicidade – e a unidade sociogeográfica definida como comunidade linguística. Nos últimos anos, Eckert tem-se voltado justamente para a necessidade de conectar essas categorias sociais, arraigadas na experiência do falante e identificadas como comunidades de prática, com as comunidades imaginárias mais amplas. É essa concepção metodológica que vai caracterizar a atividade sociolinguística da terceira onda.

A noção de comunidade de prática, postulada por Eckert (2000), representa outro avanço que a sociolinguística operou para retomar, de certo modo, a dimensão social,

funcionalmente forte na origem, cujo grau de importância foi reduzido, embora não eliminado, pela tendência variacionista da primeira onda.

Uma comunidade de prática é um agregado de pessoas que se juntam para se engajar em algum empreendimento comum. A identidade social é construída no próprio processo de articulação e de envolvimento dos indivíduos com as comunidades de práticas de que participam. O grau de envolvimento depende do grau em que os indivíduos adquirem o repertório da comunidade de prática, assimilam o objetivo do empreendimento compartilhado e estabelecem padrões de relacionamento com os outros participantes envolvidos.

A chave para esse processo de construção é a prática estilística, identificada pelo modo como os falantes combinam variáveis para criar modos distintivos de fala, que, por sua vez, constituem o mecanismo de construção da identidade, consistindo em tipos sociais explicitamente localizados na ordem social.

É na ordem social que o investigador pode constatar as manifestações de macro categorias, como gênero, etnicidade, idade e classe, que são, na realidade, manifestações da grande variedade de comunidades de prática existentes, nas combinações de comunidades de prática de que as pessoas participam em diferentes lugares da ordem social e nas práticas dentro dessas comunidades.

Para dar um exemplo, ao preservar a ideologia contrária à instituição escolar, os burnouts fazem um uso consideravelmente maior que os jocks de concordância negativa. Mas há também uma diferença significativa entre dois tipos de jocks masculinos – os que têm nas atividades atléticas suas principais motivações e os que, além de não exercerem atividades atléticas, centram a atenção na liderança estudantil.

Embora estejam em grupos de amizade fortemente aliados, os que exercem liderança estudantil enfatizam mais uma imagem corporativista, enquanto os atletas sustentam a construção de sua identidade assentada sobre valores machistas. Como um reflexo desse comportamento, a taxa de concordância negativa é muito maior nos atletas do que nos líderes estudantis.

Essa situação mostra que um mesmo indivíduo se constitui com base num conjunto muito amplo de identidades, construídas com base nas pressões sociais (política, econômica, institucional, histórica) e interações sociais, o que envolve não a constituição de categorias fechadas em si mesmas, mas de categorias dinâmicas, em processo contínuo de transformação.

Essa visão se opõe ao entendimento meramente quantitativo da variação. O falante continuamente atribui significado social à variabilidade linguística de um modo consequente, o que implica atribuir a ele um grau mais elevado de protagonismo social que os estudos sociolinguísticos necessitam incorporar em sua metodologia. Os quatro atributos que definem essa nova vertente de estudos:

- (i) baseia-se em estudos etnográficos de comunidades de prática;
- (ii) as categorias locais são construídas com base em posições comuns;
- (iii) as variáveis são vistas como indicadores de posições, de atividades e de características sociais;
- (iv) o estilo é considerado um modo de construção de identidade (Eckert, 2005, p. 30, tradução minha).

Um olhar voltado para um dos primeiros estudos quantitativos da variação, a pesquisa de Labov (2008 ([1972])) na ilha Martha's Vineyard, permite ver que ele interpretou uma variante conservadora, reatualizada com maior grau de frequência no uso, a centralização de /ay/ e /aw/, com a resistência da comunidade de pescadores à progressiva incursão de veranistas do continente.

Recrutar uma vogal como parte de uma luta ideológica local sugeria que a variação é um recurso para a construção de significado. No entanto, o poder originalmente embutido no conceito de variável sociolinguística acabou se perdendo em boa parte dos anos seguintes, quando o significado social passou a se confundir com correlações de caráter meramente demográfico em levantamentos sociolinguísticos de grande escala (Eckert, 2012).

É por isso mesmo que, citando-se Faraco e Negri, pode-se afirmar que

mesmo quando, na Dialetoлогия e na Sociolinguística, o falante parece surgir como elemento relevante para o estudo de fenômenos linguísticos, não se vai, de fato, muito além de um ser genérico e quase abstrato, em quem interessa tão somente identificar algumas poucas características de sua situação no mundo e observar uma eventual repercussão dessas características sobre sua pronúncia, sua sintaxe e seu vocabulário (Faraco; Negri, 1998, p. 6).

Para submeter a variação estilística a um tratamento estatístico, Labov (2008 [1972]) desenvolveu um critério metodológico baseado no grau de atenção prestado pelo

falante à sua própria fala. Esse modo de ver a variação estilística transformou-a em um fenômeno unidimensional, apreensível numa escala contínua de formalidade.

A sociolinguística variacionista de primeira onda trata o estilo como diferentes formas, usadas no mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade, mas a visão de estilo de Eckert (2008) exclui essa separação tão nítida entre forma e conteúdo, sob a condição de que o social é eminentemente uma construção erguida sobre os alicerces do conteúdo de vida das pessoas. Diferentes formas de dizer coisas e seus respectivos significados potenciais têm o objetivo de indiciar diferentes modos de ser.

Os estilos das *personae* (e são várias as máscaras sociais que se assumem) são os meios mais adequados para abordar o significado da variação, pois são eles que conectam os estilos especificamente linguísticos com outros sistemas estilísticos, como vestimenta, adereços etc., bem como com os tipos de construções ideológicas que os falantes compartilham e interpretam e que, por isso mesmo, povoam o imaginário social.

A prática estilística como indício da construção de identidade

Pretende-se discutir agora como a regra variável de pluralidade no SN, praticada na comunidade como um todo, pode ser *aproveitada*, diga-se assim, como indiciador da construção de identidade de diferentes comunidades de prática e como casos mais fluidos de variação como esse, convivendo no próprio ambiente escolar, estão conectados com a situação de ensino.

O plano é analisar as dinâmicas e as práticas sociais de dois grupos de estudantes opostos, de uma mesma escola pública de São José do Rio Preto, definidos por seus próprios membros, como funkeiros e ecléticos (Salomão-Conchalo, 2015).

A análise se volta para o comportamento de grupos de jovens que estão em pleno processo de desenvolvimento de suas identidades individuais e grupais, e isso no contexto escolar, que representa, em certas circunstâncias, um espaço de repressão da identidade, na medida em que o corpo institucional de uma escola, professores, coordenadores e administradores, normalmente não reconhece a diversidade social e linguística do corpo discente nem mesmo no processo de ensino-aprendizagem.

A escolha de duas comunidades de prática, entre outras existentes, se assentou no fato de serem ideologicamente opostas no espaço social da escola. A comunidade dos funkeiros é constituída por 15 indivíduos, mas, para os efeitos desta exposição, os funkeiros são representados por quatro membros, três meninos e uma menina.

De uma forma geral, pode-se considerar a rede social dos funkeiros como densa e multiplex (Milroy, 1987 [1980]), pois todos os membros se conhecem bem e se conectam por mais de um tipo de relação (estudam juntos, são amigos e são ou já foram vizinhos). No entanto, uma verificação das relações intragrupais permite notar que o líder e a jovem que constituem membros centrais estão mais fechados em suas práticas sociais que os membros mais periféricos.

O grupo dos ecléticos, formado por cerca de dez jovens, é também representado aqui por três meninos e uma menina. O funcionamento dessa comunidade de prática é diferente do funcionamento da anterior, aspecto derivado, certamente, do modo como seus membros se comportam socialmente: não há membros exclusivamente líderes e centrais ou exclusivamente periféricos. Cada integrante muda de posição na hierarquia, que, em consequência, é também mutável na dependência dos interesses e das práticas sociais em pauta.

Desse modo, todos podem ser líderes, membros centrais, ou indivíduos à margem da comunidade, dependendo da natureza da atividade envolvida. A falta de um líder acaba por propiciar um grau mais elevado de dialogismo entre os membros do grupo e participação coletiva nas decisões a tomar sobre as ações e práticas sociais futuras.

Como já mencionado, o trabalho etnográfico, postulado por Eckert (2012), é em geral qualitativo, mas não despreza o estudo quantitativo de base variacionista, uma vez que os dois procedimentos não são excludentes, mas complementares.

A hipótese sustentada é que deve haver uma correlação entre centralidade e perifericidade grupal e expressão linguística de pluralidade no SN. Nesse caso, os membros centrais dos ecléticos apresentariam maior frequência de marcas de pluralidade que os periféricos, justamente por serem um pouco mais apegados às normas, inclusive as linguísticas, ditadas pelo contexto escolar. Já os membros centrais dos funkeiros apresentariam uma frequência mais baixa de marcas de pluralidade do que os membros periféricos.

Em linhas gerais, os resultados quantitativos corroboram os apontamentos da pesquisa etnográfica, considerando que, em termos gerais, a aplicação da regra normativa de concordância nominal é de 92,3% dos casos possíveis (228/247) para os membros dos ecléticos e de 62,0%, (146/236) para os membros dos funkeiros.

Pode-se deduzir dessa diferença que o comportamento verbal representa uma das práticas sociais, como recurso estilístico de construção de identidade, separando jovens

com a mesma idade e escolaridade entre os que aplicam ou não aplicam a regra padrão de concordância.

Confirma essa tendência uma comparação entre dados da comunidade riopretense como um todo e os dados das duas comunidades de prática, quantificados segundo os mesmos critérios de faixa etária. Os resultados gerais mostram que os ecléticos apresentam uma frequência de aplicação, 92,3% (228/247), mais elevada que a do grupo controle⁴, ou seja, 86,5% (192/222) e os funkeiros, uma frequência significativamente mais reduzida: 62% (146/236).

O perfil social dos ecléticos inclui preferência por marcar presença nas aulas, independentemente dos problemas do cotidiano escolar, e busca por formação profissional em cursos técnicos. São essas tendências detectadas na análise etnográfica que apontaram para a projeção de uma expectativa de alta taxa de marcação de pluralidade no SN.

Entre os funkeiros, o reduzido grau de apego às regras normativas acaba se revelando como traço definidor, juntamente com outras características pessoais e práticas sociais. Esse baixo grau de apego à variedade de prestígio é um dos indícios de não identificação com valores do contexto escolar e, possivelmente, um caso de prestígio encoberto da forma em geral estigmatizada. Vejamos se esses índices gerais se mantêm no comportamento individual dos ecléticos, conforme mostra a Figura 1.

A incidência de pluralidade no SN é muito elevada, mais de 90% no desempenho verbal dos informantes W. e C., enquanto R. e L. estão em torno da marca dos 80%, mas é L. quem aplica menos frequentemente a regra dentro do grupo, como mostra a Figura 1. Essa frequência mais baixa não chega a surpreender, em vista da relação de L. com membros de outras comunidades. Além de manter contato com membros de outros grupos, L. mantém uma relação amistosa com M. As negociações que trava com esse funkeiro e com membros de outros grupos possivelmente tornam L. um membro menos prototípico e mais periférico do grupo dos Ecléticos. Essa identidade se reflete, portanto, no uso menos frequente de concordância nominal.

⁴ O chamado “grupo controle” representa um recorte do banco de dados Iboruna, correspondente, em termos de variáveis sociais, ao mesmo recorte das comunidades de prática, ou seja, faixa etária de 16 a 25 anos, integrantes do Ensino Médio e gêneros masculino e feminino. Foram utilizados oito inquéritos da Amostra Censo do Projeto ALIP (Gonçalves, 2008) que se enquadram nesse perfil (ACs 041, 042, 043, 044, 045, 046, 047 e 048).

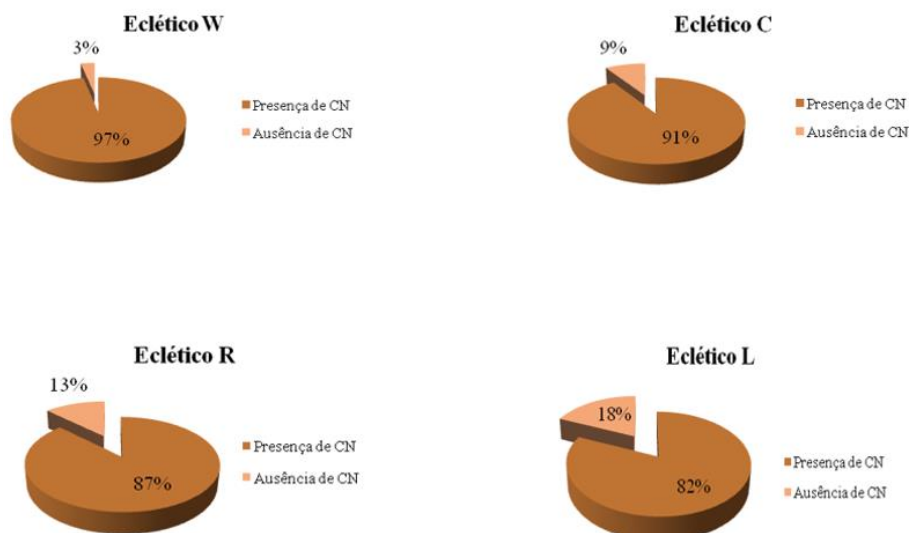


Figura 1 - Frequências de marcação de plural dos ecléticos⁵

Vejamos, agora, na Figura 2 a análise individual do comportamento verbal dos funkeiros em relação ao fenômeno investigado.

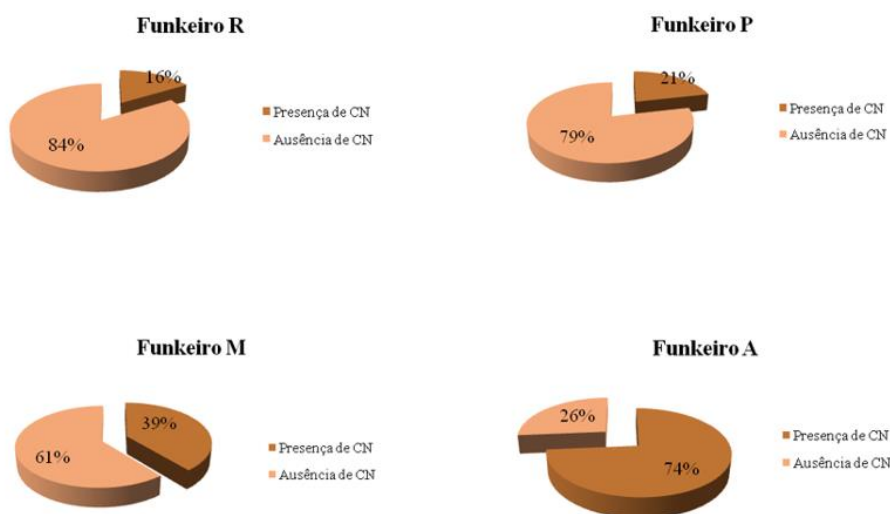


Figura 2 - Frequências de marcação de plural dos funkeiros⁶

Os índices dos funkeiros apontam para o *aproveitamento* da regra variável de concordância nominal como uma prática social usada na construção de identidade; esse recurso estilístico está associado ao modo de se vestir, à música *funk* e à natureza do comportamento cotidiano. De um modo geral, o comportamento linguístico dos

⁵ Fonte: Adaptado de Salomão-Conchalo (2015, p. 248).

⁶ Fonte: Adaptado de Salomão-Conchalo (2015, p. 261).

funkeiros é evidência de uma relação inversamente proporcional entre o envolvimento nas práticas sociais da comunidade e o apego às marcas de pluralidade.

Os resultados de R. e P., membros centrais desse grupo, mostram frequência muito baixa de cumprimento da regra normativa. O funkeiro M. se encontra em uma zona mais neutra de preservação, com um índice positivo beirando o dobro de frequência da média dos membros centrais, embora seja ainda um índice extremamente baixo, se comparado ao da média dos ecléticos. Essa incidência mostra perfil de membro periférico, mas com forte identificação ideológica com o grupo. É o jovem A., no entanto, que mantém um índice significativo de marcas de pluralidade, o que indicia a emergência da individualidade.

Embora o percurso de acesso à comunidade de prática possa contribuir para a formação da identidade, uma trajetória periférica nunca conduz o indivíduo à plena participação. Caso exemplar é o de M., jovem que mantém práticas sociais típicas de funkeiro, como o comportamento gozador na aula, o gosto por dança e música funk, participação ativa na divulgação de festas *rave* organizadas pelo grupo. Mesmo assim, sua afiliação tem raízes no protagonismo de R., com quem mantém relações ostensivas de amizade.

Esses resultados mostram que a construção de identidade não se encerra com a plena afiliação a uma dada comunidade, já que o desenvolvimento das práticas sociais significativas é um processo contínuo, presente em várias atividades sociais de que resulta a renegociação da própria identidade.

O que intriga, no entanto, são os índices de aplicação positiva de concordância no comportamento verbal do funkeiro A: 74%. Durante a entrevista gravada, a única que foi possível agendar, esse jovem manifestou um comportamento singular. Apesar de tentar chocar a documentadora com a narração de episódios de sua vida sexual, o que é esperado de um funkeiro, mostrou-se obsequioso no uso de formas de tratamento. Em conversas informais, A. referenciava a documentadora por primeiro nome e *você*, mas não na entrevista, como mostra o exemplo (1).

- (1) INF.: aí sim **a senhora** chegou no ponto ... pra mim ESCOLA ensino médio ... ensino fundamental não influencia nada na faculDADE que eu quero que eu quero exercê(r) ... (Salomão-Conchalo, 2015, p. 141-142).

Fora das circunstâncias de gravação, não mostrava preocupação alguma com a aplicação da regra padrão de concordância. Uma análise de oitiva das diversas situações de interação permite inferir que A. manifesta uma frequência de ausência de plural similar à de R., um de seus amigos mais próximos, como mostra o exemplo (2), extraído de sua entrevista gravada.

- (2) **nos primeros dias** ... viu que não tava paSSANdo nem um TERço do que tinha que subi(r) pra cheGA(r) onde **os traficante** tava ... o arsenal intero ... viu **as droga** que foram presa (Salomão-Conchalo, 2015, p. 253).

Conhecer a história de vida de A, suas expectativas de continuidade no sistema escolar, permite levantar algumas hipóteses explicativas sobre esse estilo cuidadoso. Esse jovem projeta um sentimento de mobilidade social ascendente, que possa vir a contornar os problemas de seu próprio contexto social. Almeja entrar na carreira jurídica, o que implica emblematicamente uma história de vida diferente da vivenciada pelo pai no tráfico; e satisfaz, ao mesmo tempo, as expectativas projetadas por sua mãe de que possa vir a se desvencilhar das antigas amizades do pai, que o assediam constantemente para ele participar do tráfico.

De um ponto de vista linguístico, seu comportamento indicia simbolicamente a capacidade de usar as normas e de aplicá-las a uma situação formal de interação, quando assim o desejar, a despeito mesmo de não *levar a sério* o Ensino Médio.

Segundo Eckert (2008), atos de identidade não envolvem primariamente a questão de reivindicar pertencimento a este ou a aquele grupo ou categoria, em oposição a outro grupo ou categoria. Além disso, atos de identidade não são independentes da ordem social mais abrangente; pelo contrário, eles são sistematicamente relacionados a categorias macrosociológicas e encaixados nas práticas que as produzem e as reproduzem.

São os elos entre o indivíduo, aqui no caso, o funkeiro A., e a categoria macrosociológica em que ele se enquadra (estar em tal faixa etária, em tal grau de escolaridade) que fornecem as pistas das práticas sociais. É nessas práticas sociais que ele atualiza seus modos de falar, mobilizando seus estilos conforme mobiliza suas máscaras sociais, seja nas situações do cotidiano funkeiro, seja na situação de entrevista em que exhibe habilidades verbais.

Considerações finais

Pode-se, agora, voltar para as preocupações iniciais e tomar posse da pergunta de Faraco e Negri: *que bicho é o falante afinal?* A resposta diria, que, de um ponto de vista sociolinguístico, a ênfase no social como algo exclusivamente ligado à comunidade de fala, no estudo da variação, encorajou os variacionistas em geral a rejeitar o indivíduo falante como uma unidade de análise, evitando qualquer sujeito realisticamente situado.

Uma teoria enfocada na comunidade de prática se volta para o modo como o posicionamento do sujeito falante produz práticas linguísticas e é por elas reproduzido. A validade do estudo do sujeito individual, o falante, ele mesmo, está em repensar a relação entre o indivíduo e a comunidade e a relação entre a estrutura e a prática.

É impensável uma teoria social da linguagem ver a *língua* como uma convenção pré-existente, simplesmente porque uma teoria social da linguagem deve voltar-se para o processo de convencionalização. Pela mesma razão, é impensável para uma teoria social da linguagem ver a competência individual do falante como um simples caso de internalização de convenção.

Como convenção e competência individual se produzem e se reproduzem mutuamente na prática, a prática linguística não é simplesmente o uso consensual de um sistema comum. O conceito-chave para o processo de construção é o de prática estilística.

Até aqui, nos estudos variacionistas, o estilo tem sido tratado como ajustes da variação ao grau de formalidade da situação. A face renovada do conceito de estilo o define com o modo como os falantes combinam variáveis para criar modos distintivos de fala, que fornecem a chave para a construção da identidade.

A identidade consiste, por sua vez, em tipos particulares, explicitamente localizados na ordem social. Continuamente, os falantes atribuem significado social à variação de um modo consequente, situação que implica certo grau de agentividade, que o trabalho de Eckert (2000) parece querer recuperar.

Para finalizar, é possível afirmar, então, em primeiro lugar, que o indivíduo não é um cavaleiro solitário vagando errante pela matriz social, como transparece na sociolinguística variacionista da primeira onda, mas se vincula à matriz social mediante formas estruturadas de engajamento. O indivíduo constrói sua identidade – um senso de lugar no mundo social – mediante a participação equilibrada numa variedade de comunidades de prática.

Olhar assim para a linguagem, essa realidade complexa e multifacetada, implica olhar para o que vai ser posto em cena, o que significa centrar o foco nas práticas

discursivas, ou seja, na linguagem em sua integridade concreta e não na língua como um objeto criado por abstração teórica, processo esse que fundamenta o olhar tradicional da Linguística. Conforme afirmam Faraco e Negri: “Por mais legítima e produtiva cientificamente que seja essa abstração, temos de reconhecer que ela tem pouco ou quase nada a dizer quando queremos entender nossas práticas discursivas” (Faraco; Negri, 1998, p 165).

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011
- BAKHTIN, M.M. / VOLOSHINOV, V.V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, Hucitec, 1979.
- BOLINGER, D. **Meaning and form**. London/New York: Longmann, 1977.
- CAMACHO, R. G. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- CAMACHO, R.G. Da linguística formal à linguística social: o protagonismo do falante. In: BRANDÃO-SILVA, F., ROMUALDO, E. C., PEREIRA, H. B. (Orgs.) **Da Variação Linguística à “Pedagogia da Variação”**: descrição e ensino de português. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 225-244.
- CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic theory**. Linguistic variation and its social significance. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1996.
- CHOMSKY, N. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Trad. de J.A. Meireles, E. Raposo. Coimbra: Arménio-Amado Editor, 1975.
- ECKERT, P. **Linguistic variation as social practice**. Oxford: Blackwell, 2000.
- ECKERT, P. **Variation, convention, and social meaning**. Paper presented at the Annual Meeting of the Linguistic Society of America. Oakland CA. Jan 7, 2005.
- ECKERT, P. Variation and the indexical field. **Journal of Sociolinguistics**, v.12, n.4, p. 453–476, 2008.
- ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, n.41, p. 87-100, 2012.
- FARACO, C.A.; NEGRI, L. O falante: que bicho é esse, afinal? **Letras**, Curitiba, n.49, p. 159-170, 1998.
- GARCÍA, E. C. Shifting variation. **Língua**, v.67, p. 189-224, 1985.

GONÇALVES, S. C. L. Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista): questões teóricas e metodológicas sobre a constituição de um banco de dados de língua falada. In: TAGNIN, E.O.; VALE, O. A. **Avanços da linguística de corpus no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2008. p. 217-245.

LABOV, W. The overestimation of functionalism. In: Dirven, R., Fried, V.(eds.) **Functionalism in linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1987. p. 311-332.

LABOV, W. **The social stratification of English in the New York City**. Washington: Center of Applied Linguistics, 1966.

LABOV, W. Contraction, deletion and inherent variability of the English copula. **Language**, v.45, p. 715-62, 1969.

LABOV, W. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic Working Papers**, v.44, 1978.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? In: RAJENDRA, S. (org.). **Towards a critical sociolinguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1996. p. 17-30.

MILROY, L. **Language and social networks**. Oxford: Blackwell, 1987 [1980].

RICKFORD, J. R.; ECKERT, P. Introduction In: RICKFORD, J. R.; ECKERT, P. (eds.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 1-18.

ROMAINE, S. The status of variable rules in sociolinguistic theory. **Journal of Linguistics**. v. 17, p. 93-119, 1981

SALOMÃO-CONCHALO, M. H. **A variação estilística na concordância nominal e verbal como construção de identidade social**. 2015. 314f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2015.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1977 [1916].

WENGER, E. **Comunidades de Prática: aprendizaje, significado e identidad**. Barcelona: Paidós, 2001.

Como referenciar este ensaio:

CAMACHO, Roberto Gomes. O protagonismo do falante na (socio)linguística. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.49, n.1, p. 6-27, 2025.

Submetido em: 26/03/2025

Aprovado em: 01/10/2025